



Similitudes e diversidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro segundo as PNAD's de 1992 e 2001

N° 20030501

Maio - 2003

Alcides Carneiro - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

SIMILITUDES E DIVERSIDADES DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO SEGUNDO AS PNAD'S DE 1992 E 2001

Alcides Carneiro - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Apresentação

Este estudo se propõe a desvendar o que permaneceu e o que mudou na Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RMRJ nestes últimos nove anos. Vale lembrar, que o IBGE anualmente leva a campo a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios – PNAD, uma pesquisa que abrange todas unidades federativas e regiões metropolitanas. A PNAD deixa de ser realizada apenas nos anos dedicados ao Censo Demográfico.

Os pesquisadores que se utilizam das PNAD's têm a seu favor a permanência de temas (Dados Gerais, Migração, Instrução, Trabalho, Nupcialidade, Famílias e Domicílios) e perguntas, ou seja, quando você compara diferentes anos da pesquisa, não precisa despender seu precioso tempo se preocupando com os efeitos colaterais tão comuns às bulas de medicamentos, como também às observações que normalmente acompanham tabelas bem documentadas.

Em termos políticos, dos treze municípios que em 1992 (Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Mangaratiba, Maricá, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, São Gonçalo, São João de Meriti) compunham a RMRJ, alguns passaram pelo processo de desmembramento (de Magé saiu Guapimirim, de Nova Iguaçu saíram Belford Roxo, Japeri e Queimados, de Itaboraí saiu Tanguá, de Itaguaí saiu Seropédica) e neste 2001 o mosaico metropolitano já conta com dezenove municípios que compõem um aglomerado de mais de onze milhões de habitantes.

População

Nestes dez anos, a população da RMRJ passou de 9,9 milhões para 11,0 milhões, registrando uma variação de 11,2%. Quando se desagrega o contingente de moradores por grupos etários vamos constatar o porquê do envelhecimento da população. Enquanto a faixa jovem (menos de 10 anos) cresceu exíguos 3,9% entre 1992 e 2001, o grupo idoso vivenciou um índice mais de sete vezes maior (29,9%). Com isso a participação do grupo mais jovem encolheu sua fatia de 17,0% para 15,9% do total da população. Em termos nacionais a tendência se repetiu, porém em patamares mais altos, pois o recuo foi de 22,1% para 18,7%.



No outro extremo da figura que se convencionou chamar de pirâmide, a turma da terceira idade (60 anos ou mais) que reside na área metropolitana cresceu sua fatia na torta percentual de 10,4% para 12,1%. A convergência destas duas curvas é apenas uma questão de tempo, porém o que mais preocupa, é o pouco tempo que resta para a consolidação desta nova realidade. Enquanto em 1992 tínhamos uma relação de 61,1 idosos para cada grupo de 100 jovens, em 2001 essa proporção já atingia 76,4 idosos para cada 100 jovens. Para o país como um todo, essas participações mantiveram comportamento tendencial semelhante ao regional, porém com índices ainda bem inferiores. Este indicador para o Brasil de 1992 se situava em 35,6, passando em 2001 para 48,4.

Bons tempos aqueles em que éramos classificados como um país jovem, em que invariavelmente a classe mais numerosa era a da base da pirâmide (0 a 4 anos). A classe com maior representatividade hoje na RMRJ tem entre 20 e 24 anos de idade, restando ao grupo 0 a 4 anos apenas um quinto lugar em contingente de habitantes.

As mulheres, mesmo nascendo em menor proporção, rapidamente superaram o estoque dos homens em função da sobremortalidade da faixa etária que vai dos 15 aos 30 anos principalmente por Causas Externas, ou seja, mortes violentas. Estes óbitos prematuros têm levado a uma rápida ampliação da participação feminina no total da população. Em 1992 o excedente feminino já atingia meio milhão de mulheres, chegando ao ano de 2001 com um superávit superior a 700 mil, ou seja, uma multidão exclusivamente feminina muito próxima ao total do município de Nova Iguaçu, o terceiro mais populoso do estado. As mulheres respondem agora por 53,2% da população total e 61,0% do contingente de idosos da área metropolitana fluminense, ou seja de cada cinco idosos pelo menos três são mulheres. A taxa de crescimento do contingente feminino cresceu 12,7% nestes nove anos, um índice três pontos percentuais acima do calculado para os homens.

Cor / Raça

Entre 1992 e 2001 não se constatou nenhuma alteração significativa na participação das etnias que compõem a população metropolitana. As pessoas ditas brancas, classe majoritária, mantiveram seu índice de participação estabilizado em 59,4% no período. A população que se considera parda, classe que inclui as categorias mulata, cabocla, cafuza, mameluca e mestiça, manteve-se como a segunda mais numerosa, apresentando uma leve redução, caindo de 29,9% para 28,4% sua participação no total de habitantes. Os que se definem como negros ampliaram sua fatia de 10,5% para 12,0%. Os grupos restantes têm pouca representatividade na RMRJ, respondendo juntos por apenas 0,2% do total de pessoas. No Brasil de 2001

dois grupos étnicos preponderavam sobre os demais, os brancos e os pardos que detinham respectivamente 53,4% e 40,4% do total da População.

Migração

Os movimentos migratórios de outras décadas ainda influenciam de forma significativa na composição da população atual da RMRJ. Em 1992 apenas 36,2% dos moradores da RMRJ não eram naturais do município que residiam, ou seja, apenas um em cada três já tinha mudado pelo menos uma vez de município. Neste primeiro ano do novo milênio a parcela de migrantes comprimiu-se ainda mais, respondendo hoje por 30,5% do total da população.

Avaliando a migração com o foco voltado para as unidades federativas, vamos constatar que hoje não são mais as megalópoles que exercem atração na cabeça das pessoas, muito pelo contrário, estão nas cidades médias a melhor infra-estrutura de serviços e que por isso propiciam uma melhor qualidade de vida às famílias.

Dos 11,0 milhões de moradores da RMRJ apenas 2,1 milhões nasceram em outro estado da federação. Em 2001 estes representam 19,1% da população ou aproximadamente um migrante interestadual para cada cinco moradores. Em 1992 essas pessoas que mudaram de estado respondiam por 21,6% da população. Vale aqui reforçar que a queda do número de migrantes de outros estados foi absoluta e relativa.

Veio das Minas Gerais o maior contingente de migrantes (16,7%), de cada seis migrantes que cruzavam os limites da RMRJ, um fatalmente era mineiro. Os estados da Paraíba, de Pernambuco e da Bahia apresentavam as respectivas participações 14,8%, 10,3% e 9,4%. Juntos estes quatro estados respondem pela origem de mais da metade (51,2%) do movimento migratório que tem como destino a RMRJ.

Em termos nacionais, a proporção de não naturais do município de moradia atinge 41,0%. Já os que mudaram de unidade federativa representam 16,0% da população residente.

Existe consenso de que migrantes apresentam estrutura etária mais envelhecida, em função de que prevalecem nestes movimentos internos os adultos, estes quase nunca acompanhados de crianças. Esta premissa se confirma quando constatamos que entre os jovens é grande a discrepância entre naturais e não naturais do estado.

Os migrantes entre 10 e 14 anos respondem por apenas 2,1% do total deste segmento específico, enquanto entre os naturais esta proporção salta para 4,6%. No outro extremo etário, as proporções se invertem, ficando desta feita os não naturais da unidade federativa (27,4%) com uma parcela bem superior àquela dos naturais (18,0%). Vale aqui ressaltar, que esta estrutura demográfica envelhecida, em muito se

deve aos fortes movimentos migratórios anteriores a década 70 e que hoje deságuam na avalanche de aposentados na RMRJ.

A inserção no mercado de trabalho, avaliada pela condição de atividade na semana de referência entre naturais e não naturais, apresenta pequena vantagem para o primeiro grupo (58,7%), contra os (56,3%) dos migrantes. Em teoria, o resultado deveria favorecer aos não naturais, pois sua estrutura etária se encontra mais adequada ao mercado de trabalho. Ao nível nacional a taxa de atividade das pessoas de 10 anos ou mais ficou em 59,8% para os naturais do estado e em 63,5% para os migrantes.

Educação

Quando se pensa na avaliação da educação, um belo indicador urbano para este fim, é aquele que se preocupa com o ensino fundamental, mais especificamente, com o percentual de crianças com idade compreendida entre 7 e 14 anos que se encontram fora da escola.

Com o advento das metas sociais, que podem, aqui, ser entendidas como ações voltadas para a ampliação no tempo de permanência das crianças/adolescentes nos bancos escolares. Partindo do pressuposto que estas crianças, em muitos casos, eram responsáveis por parte da economia familiar, coube por bem às esferas federal e estadual de governo passarem a fornecer as hoje já populares bolsas auxílio, a ser pago a mãe por filho matriculado no ensino público.

Entre 1992 e 2001 caiu de 7,4% para 3,4% a proporção de crianças entre 7 e 14 anos que ainda se encontravam fora da escola. Uma informação interessante é a de que meninas estão mais bem inseridas no contexto do ensino fundamental, já que a proporção média de 3,4% de crianças não matriculadas em nenhuma instituição de ensino se encontra fortemente influenciada pela alta proporção de meninos 3,9% que suplanta as meninas em um ponto percentual.

As crianças/adolescentes com idades entre 10 e 14 anos que freqüentam o segundo segmento do ensino fundamental, deveriam em tese já estar alfabetizadas, porém o que se constata é que a realidade tem características muito mais complexas do que se poderia a princípio imaginar. Nem mesmo uma drástica redução do contingente de não alfabetizadas, como a ocorrida entre 1992 e 2001, de 3,5% para 1,1%, não consegue justificar tantos anos de estudo e rendimento escolar tão pífio. Vale lembrar que não alfabetizado significa que estas crianças/adolescentes não eram capazes de ler e escrever pelo menos um simples bilhete.

Domicílios

Como era de se esperar, o número de domicílios apresentou crescimento superior ao registrado pela população como um todo no período 1992 a 2001. Enquanto a variação do contingente de moradores ficou em 11,2%, suas moradias se expandiram a uma taxa de 23,9%, ou seja, de cada cinco casas da RMRJ pelo menos uma foi levantada nestes últimos nove anos.

Essa nova conformação teve como primeiro reflexo uma queda de 11,1% na média de moradores por domicílios. Em 1992, cada residência tinha em média 3,6 moradores, para 2001 esta relação está em 3,2 moradores.

Quando se pensa em rendimento mensal domiciliar em salários mínimos (supondo que o salário mínimo manteve seu poder de compra), por incrível que pareça temos agradáveis notícias do “front”, ou seja, reduziu-se em 12,9% a proporção dos lares que percebem até dois salários mínimos e ampliou-se em 11,2% o número de residências com rendimento superior a dez salários mínimos.

O reflexo do aumento do poder aquisitivo aliado à baixa generalizada dos preços dos eletrodomésticos fez expandir o consumo desses bens, onde desponta a linha definida como branca (fogões, geladeiras e freezers) que entrou definitivamente na área de serviço de casas e apartamentos.

Bens duráveis

O **fogão** se aproxima do que seria o limite possível, em 1992 ele já era familiar a 88,7% das cozinhas da RMRJ, em 2001 este utensílio fazia parte de 99,3% das cozinhas da RMRJ.

Os 3,4 milhões de **geladeiras** já equipam 97,8% das cozinhas da região metropolitana em 2001. Em 1992 estavam presentes em 95,4% dos lares.

Em 1992, o **freezer** ainda era considerado um equipamento de luxo, sendo encontrado em apenas uma de cada sete residências. Em 2001 ele já freqüentava ao menos uma em cada quatro cozinhas da RMRJ.

A **lavadora de roupas** vivia em 1992 uma situação próxima ao freezer, estava presente em três de cada dez moradias. Em 2001 melhorou sua entrada nas áreas de serviço e praticamente duas em cada três casas já conta com este valioso auxílio na hora da lavagem de roupas.

O eletrodoméstico com maior audiência hoje é mesmo a **TV**, que superou inclusive o **rádio**. Em 1992, a realidade era outra e o rádio estava então presente em 95,2% das casas, enquanto as TV's ocupavam o lugar nobre da sala de 92,2% dos

lares metropolitanos. Entre 1992 e 2001 cresceu o número de moradias que agora dispõem de rádio, porém a penetração do sinal da TV foi mais forte e agora já chega a 98,0% das residências e destas apenas 1,6% ainda não é colorida.

Um equipamento tão básico e necessário como o **filtro de água** ainda constitui-se num luxo para quase 800 mil domicílios, ou praticamente um quarto do total. A evolução no consumo deste equipamento nos últimos nove anos foi pífio, provavelmente mais por ignorância, do que por falta poder aquisitivo.

**Domicílios por ano, segundo alguns bens duráveis existentes no domicílio -
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 1992 e 2001**

Bens duráveis existentes no domicílio	1992		2001		Varição 2001/1992
Total	2 769 601	---	3 431 196	---	23,9%
Fogão	2 732 226	98,7%	3 406 023	99,3%	24,7%
Filtro d'água	2 057 262	74,3%	2 643 664	77,0%	28,5%
Rádio	2 635 161	95,1%	3 290 342	95,9%	24,9%
televisão	2 550 937	92,1%	3 355 686	97,8%	31,5%
Geladeira	2 585 506	93,4%	3 350 282	97,6%	29,6%
Freezer	404 432	14,6%	975 725	28,4%	141,3%
Máquina de lavar	854 589	30,9%	1 852 539	54,0%	116,8%

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD 1992 e 2001.

Infra-estrutura

A Infra-estrutura básica de uma dada região consiste no melhor indicador de variabilidade da qualidade de vida da população. Enquanto os domicílios metropolitanos apresentaram crescimento de 23,9% nos últimos nove anos, todos os serviços ligados a saneamento cresceram a um ritmo mais veloz.

O **abastecimento de água** ligado a rede geral em imóveis com canalização interna teve seu atendimento ampliado de 86,9% para 90,2% dos domicílios, ou seja, das 3,4 milhões de residências este serviço já chega a 3,1 milhões. Para conseguir esta performance, foi preciso um crescimento de 28,5% no número de domicílios atendidos no período.

Para o **esgotamento sanitário** adequado os resultados são alvissareiros, pois apesar de ter partido em 1992 de um patamar mais baixo de atendimento, conseguiu chegar a 2001 em pé de igualdade ao abastecimento d'água. O número de ligações no período cresceu 29,4% em nove anos Entenda-se como esgotamento sanitário adequado, aquele ligado a rede coletora ou a fossa séptica.

A coleta direta do **lixo** domiciliar teve sua cobertura ampliada de 75,4% para 85,7% do total de domicílios nos últimos nove anos. Para atingir esses resultados, este serviço apresentou crescimento de 40,8% no número de imóveis residenciais atendidos.

O fornecimento de **energia elétrica** pode ser considerado como o único a conseguir atingir 99,9% das moradias, o que poderia ser definido como universalização de atendimento. Para atingir este resultado em 2001, o serviço teve que ser expandido em 24,2% nos últimos nove anos.

Enquanto o serviço de energia elétrica se caracteriza como o mais abrangente, a **telefonia-fixa** impressiona pelo crescimento de 234,4% no período 1992 a 2001. Essa expansão dos serviços de telefônicos decorre do aumento da oferta, aliado a uma demanda reprimida, em conjunção com a queda no preço de venda deste serviço. Em 1992 apenas 27,2% das moradias podiam desfrutar deste serviço, já em 2001 esse universo foi expandido para 73,4% dos domicílios.

**Domicílios por ano, segundo as características de Infra-estrutura –
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 1992 e 2001**

Características dos domicílios	1 992		2 001		Variação 2001/1992
Total	2 769 601	---	3 431 196	---	23,9%
Abastecimento d'água (rede geral com canalização interna)	2 407 006	86,9%	3 093 766	90,2%	28,5%
Esgotamento sanitário (rede coletora ou fossa séptica)	2 392 499	86,4%	3 096 173	90,2%	29,4%
Banheiro (uso exclusivo)	2 665 842	96,3%	3 376 649	98,4%	26,7%
Lixo (coletado diretamente)	2 089 058	75,4%	2 941 524	85,7%	40,8%
Iluminação elétrica	2 761 791	99,7%	3 428 798	99,9%	24,2%
telefone fixo	753 637	27,2%	2 520 202	73,4%	234,4%

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD 1992 e 2001.

Tipo e Condição de Ocupação

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro conta hoje com 3,4 milhões de residências, destas 2,6 milhões são casas, 0,8 milhão de apartamentos e 22 mil cômodos. Trocando em miúdos de cada quatro residências, três têm a tipologia casa e a restante é um apartamento.

Entre 1992 e 2001 cada um dos tipos de domicílio apresentou comportamento diferenciado. As **casas** com variação de 30,4% no período foram as únicas a apresentar crescimento superior a média geral (23,9%). Os **apartamentos** perderam representatividade no total de tipologias entre 1992 e 2001 em função de um



crescimento de apenas 12,4% no período. O pior desempenho ficou por conta da categoria **cômodos** que respondia em 1992 por 1,8% do total de domicílios e chegou a 2001 com 0,6%, função de uma retração de 56,3% nesta tipologia de imóvel.

A condição de ocupação pode ser desagregada em até cinco categorias: os domicílios próprios, os alugados, os cedidos, outra (que engloba outras situações como, por exemplo, o caso de invasão) e os que não tem informação sobre o imóvel.

O que salta a vista de imediato, é o comportamento dos imóveis definidos como **próprios**, que em 1992 já respondiam por 69,9% e chegam a 2001 representando 72,1% do total, ou seja, praticamente três em cada quatro domicílios da RMRJ é ocupado pelo proprietário. Já os imóveis alugados mantiveram seu quantitativo estabilizado em 580 mil unidades, o que gerou uma perda de participação desta categoria em 3,7 pontos percentuais no período.

Os domicílios definidos como **cedidos** praticamente acompanharam o comportamento médio da categoria. Entre 1992 e 2001 os cedidos cresceram sua participação em relação ao total de 8,6% para 8,8%.

A categoria **outra** se caracterizou como aquela com maior crescimento no período, exatos 405,8%, ou seja, teve seu quantitativo quadruplicado e chegou em 2001 respondendo por 2,0% dos imóveis.

**Domicílios por ano, segundo a condição de ocupação e o tipo do domicílio –
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 1992 e 2002**

Condição de ocupação e Tipo	1992			2001			Variação 2001/1992
Total	2 769 601	100,0%	100,0%	3 431 196	100,0%	100,0%	23,9%
Casa	1 962 421		70,9%	2 559 187		74,6%	30,4%
Apartamento	756 410		27,3%	849 831		24,8%	12,4%
Cômodo	50 770		1,8%	22 178		0,6%	-56,3%
Próprio	1 936 766	69,9%	100,0%	2 472 268	72,1%	100,0%	27,6%
Casa	1 425 803		73,6%	1 866 953		75,5%	30,9%
Apartamento	502 035		25,9%	600 521		24,3%	19,6%
Cômodo	8 628		0,4%	4 794		0,2%	-44,4%
Alugado	580 138	20,9%	100,0%	589 738	17,2%	100,0%	1,7%
Casa	341 378		58,8%	384 773		65,2%	12,7%
Apartamento	209 191		36,1%	197 771		33,5%	-5,5%
Cômodo	29 569		5,1%	7 194		1,2%	-75,7%
Cedido	238 749	8,6%	100,0%	301 460	8,8%	100,0%	26,3%
Casa	184 081		77,1%	247 524		82,1%	34,5%
Apartamento	42 953		18,0%	46 145		15,3%	7,4%
Cômodo	11 715		4,9%	7 791		2,6%	-33,5%
Outra	13 390	0,5%	100,0%	67 730	2,0%	100,0%	405,8%
Casa	10 601		79,2%	59 937		88,5%	465,4%
Apartamento	2 231		16,7%	5 394		8,0%	141,8%
Cômodo	558		4,2%	2 399		3,5%	329,9%
Sem declaração	558	0,0%		--	--		--
Casa	558			--	--		--
Apartamento	--			--	--		--
Cômodo	--			--	--		--

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD 1992 e 2001.